

O ipê amarelo

É a árvore brasileira mais conhecida, a mais cultivada e, sem dúvida nenhuma, a mais bela. É na verdade um complexo com cerca de dez espécies com características semelhantes, com flores brancas, amarelas ou roxas. Não há região do Brasil onde não exista, pelo menos, uma espécie dele; mas a existência do ipê em seu habitat nos dias atuais é rara.

A *Tabebuia Alba*, nativa do Brasil, é uma das espécies do gênero *Tabebuia* que possui "Ipê Amarelo" como nome popular.

As árvores desta espécie proporcionam um belo espetáculo com sua bela floração na arborização de ruas em algumas cidades brasileiras. Em João Pessoa elas florem abundantemente.



Pena que de curta duração. Por volta de três a cinco dias.

São árvores lindas que embelezam e promovem um colorido no final do inverno. Existe uma crença popular de que quando o ipê-amarelo floresce não haverá mais geadas. Infelizmente, a espécie é considerada vulnerável quanto à ameaça de extinção.

A *Tabebuia Alba*, natural de Alagoas está adaptada a todas as regiões fisiográficas, o que levou o governo a definir a espécie como a árvore símbolo do estado, estando, pois, sob a sua tutela, não mais podendo ser suprimida de seus habitats. Mais leis como essa e a flora se salvaria!

CANTO DOS IPÊS AMARELOS - Dércio Marques

Ô dandei..
Olha o vento que brinca de dandar
Ele vem pra levar as andorinhas
E quem sabe a canção pra uma janela
Saciara o ipê que se formou
E roubar suas flores amarelas...

Senhor vento
Eu não quero ser primeiro
Mas preciso uma ponga pelo ar
Quero ser bandoleiro como vós
No balanço do mar poder cantar

Vou levar o meu circo colorido
Vou armar bem pra além das ilusões
Vou contente acenar pro continente
E andar nas porteiara das canções...

Frases e gestos polidos

Editorial

Autumn Leaves

Poesia Musicada

A primavera

Contos & crônicas

Djalma Andrade

Poeta em Foco

Reforma ortográfica ou...

De olho no idioma

Ah! quem nos dera que isso, como outrora,
inda nos comovesse! Ah! quem nos dera
que inda juntos pudéssemos agora
ver o desabrochar da primavera!

Sáíamos com os pássaros e a aurora,
e, no chão, sobre os troncos cheios de hera,
sentavas-te sorrindo, de hora em hora:
"Beijemo-nos! amemo-nos! espera!"

E esse corpo de rosa recendia,
e aos meus beijos de fogo palpitava,
alquebrado de amor e de cansaço...

A alma da terra gorjeava e ria...
Nascia a primavera...E eu te levava,
primavera de carne, pelo braço!

PRIMAVERA
Olavo Bilac-RJ

Frases e gestos polidos...

Os hábitos ficam tão enraigados, que nem percebemos nossas indelicadezas...

O egoísmo é uma das chagas da humanidade, que juntamente com o orgulho, serve como matriz para todas as infelicidades dos nossos tempos.

O egocentrismo faz com que nos coloquemos sempre em primeiro lugar, desprezando os direitos alheios, quando os outros são muitas vezes mais necessitados do que nós. Quanto não são mais importantes, efetivamente, mais inteligentes e mais humanos!

O possessivo está em tudo. Tudo é nosso. O meu carro, o meu marido, a minha mulher, o meu filho, a minha casa... Até na conjugação do verbo, o "eu" vem sempre em primeiro lugar. A primeira pessoa é a mais importante e, por coincidência, sou "eu".

Observem as frases: "Eu e a minha mulher, saímos no domingo." "Eu e os meus amigos, fizemos uma reunião." Até nas colunas sociais o nome do homem vai à frente, numa demonstração cabal de insensibilidade e grosseria. A mulher deve sempre preceder o homem. Mas como explicar isso aos poderosos machistas que ocupam cargos e posições supostamente importantes!

Nos dias atuais, e observamos isso no cotidiano, o homem entra na frente nos restaurantes, senta-se e a mulher é quem acomoda os filhos e organiza a família. Se for um restaurante de auto-serviço, o marmanjo vai, serve-se e começa a comer mesmo que os demais ainda não estejam sentados à mesa.

Sabe o que muita gente está pensando enquanto lê este editorial? Isso é frescura! O mundo corrido de hoje não deixa espaço para essas bobagens. E, afinal, a mulher não quer ser igual ao homem? Então...

Realmente, a mulher é também grande culpada nesse estado de coisas. Prefere, ainda, um mau casamento a um bom emprego. Tendo quem ponha comida na mesa, pague a escola dos filhos e lhe dê uma vida confortável para ver TV e bater papo furado, que importa que o marido seja um cafageste. Ele é, mas dá lucro e vale a pena aturar!

Os que ao ler este texto não pensam assim, tentem corrigir-se. Educação é sinônimo de bom caráter!

Octávio Caúmo Serrano, editor
caumo@caumo.com

TRIBUNA LITERÁRIA

Fundador e Editor
OCTÁVIO CAÚMO SERRANO

Contatos, envio de material e sugestões:
Av. Rui Carneiro, 525 sala 218 - Tambaú
58032-101 João Pessoa - PB
Fones (83) 3247-9070 e (83) 9332-2674
tribunaliteraria@gmail.com

Edições on-line disponíveis em <http://tribuna.wordpress.com>

O Tribuna Literária e os colaboradores não se responsabilizam por idéias e conceitos emitidos em artigos ou matérias assinadas, que expressam apenas o pensamento dos autores.

Reserva-se o direito de não fazer correções e, por motivo de espaço e clareza, o de resumir cartas, artigos e ensaios.

NOTAS & NOTÍCIAS

- O poeta e amigo Dornélio Barbosa Meira divulgou o Tribuna passado para muita gente, porque ele gosta do jornal. E ainda mandou i-meio corrigindo um erro de digitação e elogiou dizendo que o exemplar está ótimo. Os amigos são sempre muito exagerados.

- Os acessos ao www.caumo.com estão aumentando. Além de ler e imprimir o nosso Tribuna Literária, podem acessar textos e poesias do nosso editor e também o informativo do Centro Kardecista "Os Essênios", de João Pessoa-PB, para lê-lo e imprimi-lo. E quem gostar, mande algum para os amigos e parentes.

- Quem conhecer dados do poeta mineiro Djalma Andrade, além dos que estampamos à página 3, por favor nos mande. A bibliografia é muito pobre e o poeta é excepcional. Só o seu "Atô de Caridade" já vale para que ele fique nos anais da literatura brasileira... E uma foto, então, seria a glória!

- Devido a dificuldades com tempo e outros problemas, estamos editando este número trimestral o que deveremos repetir com a edição outubro/novembro/dezembro. Esperamos que a partir de 2009 possamos editá-lo a cada dois meses, conforme era o objetivo inicial para as edições "online".

- O GIP - Grupo Itinerante de Poesia - está ficando conhecido. Já estão surgindo convites de escolas, de TVs, etc, para que os poetas se apresentem. A poesia precisa ter seu lugar na cultura do brasileiro. Ela é comunicativa e mensageira. Mostra filosofia e reivindicações. Amansa o coração e eleva a sensibilidade do ser humano. Em síntese, nos põe para pensar.... e analisar a vida.

Quem desejar aprender com o GIP, compareça na ASIP, Av. Epitácio Pessoa, 621, nas primeiras e terceiras quartas-feiras do mês, das 15 às 17 horas. E se você já é poeta, venha brindar-nos com seus versos e dividir conosco as suas alegrias e realizações. Estamos esperando!

DJALMA ANDRADE

Nasceu em Congonhas, Minas Gerais, no ano de 1891. Formado em Direito. Nomeado promotor de Justiça em Ouro Preto, não tomou posse para dedicar-se ao jornalismo e às letras. Atuou em quase todos os jornais e revistas em Belo Horizonte. No Estado de Minas assinava a coluna "A História Alegre de Belo Horizonte".

Membro da Academia Mineira de Letras e da Academia de Lisboa.

Bibliografia - Escreveu os seguintes livros:

"Versos Escolhidos" - 1935

"Poemas de Ontem e de Hoje" - 1937

"Sátiras" - 1939

"Cartuchos de Festim"

"Poemas Escolhidos"

"Vinha Ressequida" - 1922

"Versos Escolhidos e Epigramas" -1945

Teve diversos livros com edições esgotadas em especial a última em 1986. Faleceu aos 83 anos, em 1975.

Os dados acima foram retirados da Antologia da Nova Poesia Brasileira, de J.G. de Araújo Jorge - 1ª ed. 1948, já que são absurdamente escassos os dados sobre esse extraordinário poeta e exímio sonetista.

Artista

Que graças pões, Maria, e que cuidado
No arranjo e na feitura do teu ninho!
Eu nunca vi um quarto de noivado
Feito com arte tal, com tal carinho...

Nas fronhas lindas e no cortinado,
Na alvura dos lençóis de puro linho,
Transparece o teu gosto requintado.
Benditas sejam tuas mãos de arminho!

No teu leito há talento, eu te asseguro,
E ninguém poderia, amor, supô-lo:
— Em tão pequena coisa, tanto apuro...

E eu penso vendo o teu bom gosto e zelo,
Se tal arte tu mostras em compô-lo
Que perícia terás em revolvê-lo!...

Gloriosa

Há mulheres que vencem pela graça,
vencem, dominam de uma tal maneira,
que o coração viril, por mais que faça,
nunca mais tem a liberdade inteira.

Em outras, a ternura nos enlaça,
uma ternura doce e verdadeira:
são corações de arminho, almas sem jaça,
de sombra acolhedora e hospitaleira.

Eu sei que as há, bem vejo claro e exulto,
mas não me ofusca a forte claridade,
mas não lhes rendo meu fervor, meu culto,

pois nenhuma, por certo, se avizinha,
na graça, na ternura, na bondade,
daquela que nasceu para ser minha.

Renúncia

Aceitar, sem revolta, o sofrimento,
Receber o infortúnio sem clamor,
Elevar para Deus o pensamento,
No teu martírio purificador...

Sem um protesto, sem um só lamento,
Abafando o teu asco e o teu rancor,
Fechar, no peito, o travo do tormento,
Transformando-o em mel do teu amor...

Andar pelas estradas que se cruzam,
Sem ódio, sem paixão, sem amargura,
Não ser menos nem mais do que tu és.

Beijar todas as bocas que te acusam,
Afagar com carinho e com ternura
As serpentes que mordem os teus pés.

Meu Filho

O meu filho, que é doce, que é inocente,
Quando comigo sai, luz que fascina,
Põe seus claros pezinhos, brandamente,
Nas marcas dos meus pés, na areia fina.

Ele segue-me os passos, inconsciente,
Mas uma estranha angústia me domina,
E calcando os meus pés mais firmemente
Meu coração, aos poucos se ilumina.

Sem saber, tu me obrigas, filho amado,
A procurar a rota mais segura,
A ter firmeza em cada passo dado.

Nunca dirás - que horror n'alma me vai!
Que te perdeste numa estrada escura
Por seguires os passos de teu pai!"

Ato de Caridade

Que eu faça o bem, e de tal modo o faça,
Que ninguém saiba o quanto me custou.
- Mãe, espero de ti mais esta graça:
- Que eu seja bom sem parecer que o sou.

Que o pouco que me dê me satisfaça;
E se, do pouco mesmo, algum sobrou,
Que eu leve esta migalha onde a desgraça,
Inesperadamente, penetrou.

Que a minha mesa, a mais, tenha um talher,
Que seja, minha Mãe, Senhora nossa,
Para o pobre faminto que vier.

Que eu transponha tropeços e embaraços:
- Que eu não coma sozinho o pão que possa
Ser partido por mim em dois pedaços.

Humildade

Que o meu orgulho torne-se humildade
Podendo ser o mais, que eu seja o menos;
Que morra, em mim, a estúpida vaidade
E que eu seja o menor entre os pequenos.

E que eu pratique o bem, - fuja à maldade
E não atenda mais aos seus acenos;
Que se transforme em rosas de bondade
O que era em mim espinhos e venenos.

Que a minha mão as dores alivie,
Que aos mais humildes eu não cause inveja,
E, se luz eu tiver, que aos outros guie...

Mãe, que eu veja nos pobres meus iguais,
E, se orgulho eu tiver, que o orgulho seja
De ser o mais humilde dos mortais.

Fumando

Com o cigarro na boca é que eu costume
Fazer balanço do que fiz no dia ...
Este cigarro, que, absorto, fumo,
É o melhor tomo de filosofia . . .

Cigarros e cigarros eu consumo,
A pensar no que fiz... no que faria ...
Eles me dizem qual o melhor rumo,
Eles me dão fumaças de alegria.

Homem, se acaso um dia tu pensares
No falso fumo que é toda ilusão,
E a vida ao teu cigarro comparares,

Acharás bem fiel comparação:
- Na fumaça que sobe pelos ares
E na cinza que rola pelo chão....

Domingos Afonso Mafrense

(Povoador do Piauí)

Humberto de Campos - MA

Como os patriarcas bíblicos de antanho
Cortando a Síria a apascentar seu gado,
Penetraste o planalto sossegado
Conduzindo teu povo e teu rebanho.

Pelo sertão era de paz teu brado;
Doida fadiga antecedeu teu ganho;
Teu arcabuz não trabalhou no amanhã
Desse deserto de que foste o arado.

Não foi teu sonho de esmeralda e de ouro;
Tua ambição era a existência ruda
Mugindo as vacas e laçando o touro.

E é por isso que, ainda hoje, a terra, boa,
Nos aboiar dos vaqueiros - te saúda,
Pelo berro do gado - te abençoa.

O Mundo do Sertão

Ariano Suassuna - PB

Diante de mim, as malhas amarelas
do mundo, Onça castanha e destemida.
No campo rubro, a Asma azul da vida
à cruz do Azul, o Mal se desmantela.

Mas a Prata sem sol destas moedas
perturba a Cruz e as Rosas mal perdidas;
e a Marca negra esquerda inesquecida
corta a Prata das folhas e fivelas.

E enquanto o Fogo clama a Pedra rija,
que até o fim, serei desnordeado,
que até no Pardo o cego desespera,

o Cavalo castanho, na cornija,
tenta alçar-se, nas asas, ao Sagrado,
ladrando entre as Esfinges e a Pantera.

O que acontece no mundo, à mesma hora...

Não é realmente curioso, por exemplo, que enquanto aí estais na aula, em pleno dia, em outros lugares estão homens deitados, dormem, sonham?

É que os habitantes desses lugares, enquanto repousam, trabalham?

-Acompanhai-me sobre o nosso globo: vamos fazer uma viagem pitoresca, à volta da Terra, em alguns minutos - em imaginação, bem entendido. Seja-nos Paris o ponto de partida. Suponhamos que entre nós (que nos achamos em Paris) seja quase meio-dia. Na escola termina a aula e é hora de almoço.

Para os povos do leste que tiveram o meio-dia antes de nós, o dia está mais adiantado. Assim, no Egito, pelos 30 graus de longitude oriental, já são duas horas da tarde, ao passo que na terra dos tártaros são quatro horas e prepara-se o jantar.

Na Índia, nas bocas do grande rio Ganges, são seis horas. O sol se põe; seus últimos raios iluminam o topo das grandes árvores. Do fundo das florestas, rugem as feras; os elefantes vêm beber ao rio. Mais longe estamos na China, em Pekim. São mais de oito horas da noite; uma capital de dois milhões de homens ilumina-se: mil lanternas de cor circulam nas ruas.

Mais longe ainda, no mesmo momento, estende-se a noite escura sobre o Oceano e sobre as ilhas onde dormem os selvagens sob suas miseráveis cabanas. No mar, aqui e ali, na treva imensa, pequenos fogos deslizam: são os navios que atravessam esses oceanos longínquos. O timoneiro vela, olha as estrelas e diz: é meia-noite.

Mas a esse mesmo momento, quando sentimos o calor do sol ardente do meio-dia, o grande continente da América, situado ao nosso ocidente, ainda não chegou em frente ao Sol; começa apenas a entrar no espaço iluminado. Para os seus habitantes é manhã cedo. O mineiro da Califórnia vê os primeiros albos da madrugada, mas já às margens do Mississipi, o Sol está de fora; nas Antilhas, é dia claro; nas grandes cidades dos Estados Unidos, operários e negociantes já estão no trabalho.

Na América do Sul, mais para o oriente, no Brasil, por exemplo, são oito horas da manhã.

Flamarion

Do Livro Crestomatia - 1932, 2ª edição, de Radagásio Taborda.

Fica aí expressa a relatividade do tempo. As horas são conforme as vemos e de acordo com o lugar onde estamos!... Sempre as mesmas... Nunca mudam!

A Ave-Maria

Raimundo Correia - MA

Ave-Maria! Enquanto nas campinas
As "boas-noites" abrem, misteriosas
Bocas exalam no ar frases divinas,
Como suave emanação às rosas...

Ó noivas do infortúnio lacrimosas,
Crianças loiras, mórbidas meninas,
Órfãs de lar e beijos, que, piedosas,
Ergueis ao céu as magras mãos franzinas!

Quando rezais, às horas do sol-pôsto,
A Ave-Maria assim, no azul parece
Sorrir-se à Virgem-Mãe aos desvalidos;

Nossa Senhora inclina um pouco o rosto
Para escutar melhor tão meiga prece,
Hino tão doce e grato aos seus ouvidos.

Visões da Noite

Fagundes Varela - RJ

Passai tristes fantasmas! O que é feito
Das mulheres que amei, gentis e puras?
Umam devoram negras amarguras,
Repousam outras em marmóreo leito!

Outras no encalço de fatal proveito
Buscam à noite as saturnais escuras,
Onde empenhando as murchas formosuras
Ao demônio do ouro rendem preito!

Todas sem mais amor! sem mais paixões!
Mais uma fibra trêmula e sentida!
Mais um leve calor nos corações!

Pálidas sombras de ilusão perdida,
Minh'alma está deserta de emoções,
Passai, passai, não me poupeis a vida!

A astúcia do caipira

Um cara da cidade grande viaja pelo interior de Minas Gerais quando vê um aglomerado. Ele pára e vê que é uma rinha de galos de briga. Do lado dele, um caipira com a mão cheia de dinheiro e apostando e sempre ganhando. Ia começar outra briga e então o cara resolve apostar. Chega perto do caipira que ganhava todas:

- E aí, capiau? Qual dos dois galos aí é o bom?
- O caipira, calmo, respondeu: - O bom é o galo vermelho.

O cara pega toda sua grana e aposta no galo vermelho. Começou a luta e o galo vermelho toma a maior surra. Muito irritado, o turista foi intimar o caipira:

- Você não falou que o galo bom era o vermelho?
- Falei sim; ele é o bom, porque marvado mesmo é o preto!

Figura de papelão

Dornélio B. Meira - PB

Fui um boneco, em papelão, pintado,
Que parecia ser uma escultura.
Mas, só papel com tinta, bem colado,
Preso no palco de uma vida dura...

No pedestal eu fui até postado,
Parecendo assim, ter muita cultura.
Eu pensei até bem real ter ficado,
Mas veio o tempo, que me desfigura.

Veio a chuva que a tinta desmanchou.
Veio esta dor que me levou o amor
E fez ver minha face verdadeira.

Hoje desnudo, roto e desbotado,
Como um palhaço da vida cansado,
Eu espero triste, a hora derradeira.

Soneto composto em **29/03/2006**.
Do Livro "Quando minh'alma aflora".

O poeta descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia.

Gregório de Matos - BA

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem freqüentado olheiro,
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
Trazidos sob os pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,
Todos os que não furtam, muito pobres:
E eis aqui a cidade da Bahia.

Velho Tema III

Vicente de Carvalho - SP

Belas, airosas, pálidas, altivas,
Como tu mesma, outras mulheres vejo:
São rainhas, e segue-as num cortejo
Extensa multidão de almas cativas.

Tem a alvura do mármore; lascivas
Formas; os lábios feitos para o beijo;
E indiferente e desdenhoso as vejo
Belas, airosas, pálidas, altivas...

Por quê? Porque lhes falta a todas elas,
Mesmo às que são mais puras e mais belas,
Um detalhe sutil, um quase nada:

Falta-lhes a paixão que em mim te exalta,
E entre os encantos de que brilham, falta
O vago encanto da mulher armada.

Improvisos de JANSEN FILHO

Jansen e seus repentos...

Jansen conheceu Álvaro Augusto Ferreira, quando Costa e Silva era Ministro da Guerra. Álvaro havia sido nomeado para Presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos, o que fazia com autenticidade e grandeza. Na Delegacia de Santos, houve uma festa à qual compareceu o Presidente e Jansen o saudou e foi aquela tempestade de beleza, que ninguém descreve. Daí por diante, o Presidente nunca mais se distanciou do poeta. Os tempos passaram e Costa e Silva chegou à Presidência da República, quando Álvaro passou a ser presidente do INPS e levou Jansen como assessor do seu gabinete. Quando Ferreira foi, por injunções políticas, afastado de suas funções e atirado à rua da amargura, ninguém mais o procurou. Apenas um homem o seguiu até o fim: Jansen Filho. Num encontro com um amigo na Rua Martins Fontes, centro de São Paulo, este perguntou a Jansen sobre o consultor. Ele prontamente respondeu:

O velho foi demitido!
Humilhado, massacrado,
Terrivelmente esquecido
E para um canto jogado...

E pondo as mãos sobre os ombros do amigo, continuou:

Meu Deus, que calamidade!
Sem posição e sem nome,
Se não tivermos piedade,
O velho vai passar fome...

Graças à bondade de alguns companheiros não se concretizou o vaticínio do poeta. Viveu mais um pouco, até que numa certa feita o mesmo amigo encontra Jansen novamente e quer saber de Álvaro.

O velho morreu, calado!
E ao sol do suplício aceso,
Ele ontem foi sepultado
No mais completo desprezo!

Neste mundo desgraçado,
Ante a praga do abandono,
Viveu como um condenado,
Morreu como um cão sem dono!

Só mesmo no céu, irmão!
Entre as luzes do Evangelho
Deus há de ter compaixão
Do sofrimento do velho!

Frases de Carlos Drummond de Andrade...

Os homens distinguem-se pelo que fazem, as mulheres pelo que levam os homens a fazer.

A minha vontade é forte, mas a minha disposição de obedecer-lhe é fraca.

A amizade é um meio de nos isolarmos da humanidade cultivando algumas pessoas.

Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar.

As dificuldades são o aço estrutural que entra na construção do caráter.

No adultério há pelo menos três pessoas que se enganam.

Não é fácil ter paciência diante dos que têm excesso de paciência.

Há duas épocas na vida, infância e velhice, em que a felicidade está numa caixa de bombons.

O cofre do banco contém apenas dinheiro. Frustrar-se-á quem pensar que nele encontrará riqueza.

Há livros escritos para evitar espaços vazios na estante.

Do amor, por mais que se fale,
ninguém faz a conta justa:
sabe o moço quanto vale,
sabe o velho quanto custa.

Preço

Tua modista, senhora,
mostrou ter grande talento,
prendendo um chapéu de plumas
numa cabeça de vento.

Leviana

Eu te escolhi tal qual és,
quero-te assim, nunca mudes;
encantado por teus vícios
nunca olhei tuas virtudes.

Satisfação

Pura emoção de destroços,
gestos senis de demência,
chocalhar macabro d' ossos,
abraços sem conseqüência...

Casamento de velhos

O homem tem grande horror
ao vácuo, já descobri.
Quando ele se vê vazio,
enche-se todo de si.

Nulidade

Um dia me disse alguém
ao meu ouvido, baixinho:
-o teu pé só anda bem,
Maria, no mau caminho.

Brejeira

Um velho, vendo Camila
passar, com seu ar faceiro,
disse triste: - Pra vesti-la,
gastei todo o meu dinheiro.

Contraste I

Um jovem, vendo Camila,
passar com "aplomb" e desdém,
disse alegre: -Pra despi-la,
não gastei um só vintém

Contraste II

Tenho medo, faço alarme
quando Alice me sorri:
Aos cinquenta anos quer dar-me
o que aos vinte lhe pedi.

Susto

Veja mais trabalhos do poeta na
página 3 - Poeta em Foco.

O Minuto

Nos meus tempos de menino, naquela idade em que balas e bombons povoam nossos sonhos, eu levava longos minutos para me decidir pelas balas que eu queria comprar.

E, uma vez compradas, mais ainda demorava para resolver se as devia chupar logo ou guardá-las para mais tarde.

Ora, um dia, vovô, que freqüentemente me acompanhava nessas romagens pelo mundo das confeitarias, tirou o relógio do bolso e me disse com expressão firme, porém sem nenhuma rispidez ou severidade:

- Vamos combinar uma coisa. Daqui por diante, quando você vier comprar bala, vai ter de tomar a sua decisão antes que este ponteiro grande, que marca os minutos, saindo de uma marca chegue à marca seguinte. Estamos combinados?

Antes que eu concordasse, com muita paciência, ele explicou-me que a vida não é, afinal de contas, senão uma série contínua de escolhas. E explicou:

- É preciso tomar decisões prontas, mas, veja bem, sempre no firme entendimento de que não vamos depois nos arrepender, caso a decisão redunda em mal para nós.

De começo, aqueles primeiros cinqüenta e nove segundos do minuto corriam antes que eu pudesse, ao menos, respirar fundo e tomar a minha decisão.

O jogo durou alguns anos. Depois de certo tempo, o meu processo mental já era tão rápido que eu passei a tomar decisões acertadas com progressiva facilidade.

De valor não menor para mim foi a energia que adquiri - em cada caso - ao ter consciência de que, depois de lançado o dado, nunca poderá haver arrependimento...

Do Livro "E, para o resto da vida..." de Wallace Leal V. Rodrigues, pela Casa Editora O Clarim - www.oclarim.com.br

No tempo do mais futuro!

Quando chegarmos aos 40, 50, 60, 70... nós todos saberemos que: Amor não se implora, não se pede, não se espera... Amor se vive, ou não. Ciúme é um sentimento inútil. Não torna ninguém fiel a você.

Animais são anjos disfarçados, mandados à terra por Deus para mostrar ao homem o que é fidelidade.

Crianças aprendem com aquilo que você faz, não com o que você diz.

As pessoas que falam dos outros para você, vão falar de você para os outros. Perdoar e esquecer nos torna mais jovens.

Deus inventou o choro para o homem não explodir.

Ausência de regras é uma regra que depende do bom senso.

Não existe comida ruim, existe comida mal temperada.

A criatividade caminha junto com a falta de grana.

Ser autêntico é a melhor e única forma de agradar.

Amigos de verdade nunca te abandonam.

O carinho é a melhor arma contra o ódio.

As diferenças tornam a vida mais bonita e colorida.

A música é a sobremesa da vida.

Acreditar, não faz de ninguém um tolo. Tolo é quem mente.

Filhos são presentes raros.

De tudo, o que fica é o seu nome e as lembranças acerca de suas ações.

Obrigado, desculpe, por favor, são palavras mágicas, chaves que abrem portas para uma vida melhor.

O amor... Ah, o amor... O amor quebra barreiras, une facções, destrói preconceitos, cura doenças. Não há vida decente sem amor!

E é certo, quem ama, é muito amado. E vive a vida mais alegremente.

Anônimo.

A PRIMAVERA

Cecília Meireles

A primavera chegará, mesmo que ninguém mais saiba seu nome, nem acredite no calendário, nem possua jardim para recebê-la. A inclinação do sol vai marcando outras sombras; e os habitantes da mata, essas criaturas naturais que ainda circulam pelo ar e pelo chão, começam a preparar sua vida para a primavera que chega.

Finos clarins que não ouvimos devem soar por dentro da terra, nesse mundo confidencial das raízes, — e arautos sutis acordarão as cores e os perfumes e a alegria de nascer, no espírito das flores.

Há bosques de rododendros que eram verdes e já estão todos cor-de-rosa, como os palácios de Jeipur. Vozes novas de passarinhos começam a ensaiar as árias tradicionais de sua nação. Pequenas borboletas brancas e amarelas apressam-se pelos ares, — e certamente conversam: mas tão baixinho que não se entende.

Oh! Primaveras distantes, depois do branco e deserto inverno, quando as amendoeiras inauguram suas flores, alegremente, e todos os olhos procuram pelo céu o primeiro raio de sol.

Esta é uma primavera diferente, com as matas intactas, as árvores cobertas de folhas, — e só os poetas, entre os humanos, sabem que uma Deusa chega, coroada de flores, com vestidos bordados de flores, com os braços carregados de flores, e vem dançar neste mundo cálido, de incessante luz.

Mas é certo que a primavera chega. É certo que a vida não se esquece, e a terra maternalmente se enfeita para as festas da sua perpetuação.

Algum dia, talvez, nada mais vai ser assim. Algum dia, talvez, os homens terão a primavera que desejarem, no momento que quiserem, independentes deste ritmo, desta ordem, deste movimento do céu. E os pássaros serão outros, com outros cantos e outros hábitos, — e os ouvidos que por acaso os ouvirem não terão nada mais com tudo aquilo que, outrora se entendeu e amou.

Enquanto há primavera, esta primavera natural, prestemos atenção ao sussurro dos passarinhos novos, que dão beijinhos para o ar azul. Escutemos estas vozes que andam nas árvores, caminhemos por estas estradas que ainda conservam seus sentimentos antigos: lentamente estão sendo tecidos os manacás roxos e brancos; e a eufórbia se vai tornando pulquérrima, em cada coroa vermelha que desdobra. Os casulos brancos das gardênias ainda estão sendo enrolados em redor do perfume. E flores agrestes acordam com suas roupas de chita multicolor.

Tudo isto para brilhar um instante, apenas, para ser lançado ao vento, — por fidelidade à obscura semente, ao que vem, na rotação da eternidade. Saudemos a primavera, dona da vida — e efêmera.



O poeta

Octávio Caúmo Serrano - SP

O poeta é um prosador
Que faz frases superpostas...
Nelas, e nisso ele aposta,
Camufla-se um sonhador,
Porque é na senda do amor
Que ele combate a sua guia
Procura que tudo saia
Na mais perfeita harmonia,
E assim colore o seu dia
Igual arrebol na praia!

Decide chamá-las verso,
Só porque uma está em cima
Outra em baixo e, usando a rima
Quer transformar o universo,
Porque o mundo vive imerso
Em ambulantes senzalas
E ele quer humanizá-las
Fazendo o povo sorrir
Nem que seja num fingir
Com simples fatos de gala!

Escreve frases, poeta!
Fale tudo o que deseja,
E eu espero, assim seja,
Que chegue a atingir a meta.
Não para ser um profeta,
Mas dizer coisas singelas
Porque as frases que são belas
São simples, despreziosas,
Como as flores perfumosas
Que ornavam velhas donzelas!...

Quando visitou a terra,
Disse-nos Jesus: amai-vos;
Não se detenham nos laivos
Que a todo momento emperram
O grito que o céu nos berra
Para alertar os mortais,
Dizendo-nos amem mais...
Cabe a vocês, oh, poetas,
Mesmo os de rimas discretas,
Ser construtores da paz!...

O REGRESSO DA MORTA

Rogaciano Leite - PE

Depois de um ano ela voltou! Cavados
Trazia os olhos numa funda prece,
Como se neles pernoitado houvesse
Uma vil caravana de pecados...

Tinha os cabelos inda oxigenados
E as feições de boneca de quermesse;
Os lírios puros que a inocência aquece
Vinham-lhe n' alma — rotos e manchados!

Pediu que a recebesse novamente
Pois trazia — na dor que as almas corta -
O corpo exausto e o coração descrente...

Beijei-lhe os dedos e lhe abri a porta;
Mas antes de cruzar o meu batente
Desmaiou nos meus braços... vinha morta!

De olho no idioma

Reforma ortográfica ou falta de serviço.

Num tributo ao analfabetismo, de vez em quando alguns iluminados decidem simplificar (às vezes complicando) a maneira de escrever no nosso idioma.

No meu tempo de moço, as proparoxítonas que geravam advérbio de modo, tinham o acento agudo transformado em grave. Ex.: prática, praticamente; técnico, tènicamente.

As oxítonas quando tivessem algum sufixo, seguiam a mesma regra. Ex.: Só, sòzinho; pé, pèzinho.

Houve um tempo em que todos os homônimos homógrafos recebiam acentuação para diferenciá-los, como alguns que ainda permanecem: pára e para, pode e pôde.

Estão tirando o trema e a conseqüência virará uma mal sonora consequência. Vamos comer linguíça, sem ter preguiça e sem ficar com sequelas.

Se eles percebessem como é complicada essa história de "ç" (atenção) e "ss" (obsessão), de "c" (atencioso) e "s" (pretensioso) de "x" (exame) e "z" (nobreza) e "s" (asilo) tudo soando Z, o "ch" (chapéu) e o "x" (xadrez) decretariam a falência do idioma para começar tudo de novo.

Ah!, eles dizem, mas basta conhecer o radical latino para saber se tem s ou z, etc. A maioria nunca ouviu falar que existe (ou existiu) um troço chamado latim, que é a mãe e o pai do português. Do idioma, não do lusitano! Não é luzitano...hein!

E as vírgulas, ponto e vírgula, travessão, aspas, hífen? Barbaridade. O pessoal faz uma confusão. Deviam acabar, também. Ou cada escritor deixaria no fim do texto um estoque para que os leitores usassem onde quisessem. A propósito, sabem que **quiSesse** já foi no passado **quiZessem**?

Com isso, vão jogar livros fora, exatamente nos países de língua portuguesa, onde vivem muitos miseráveis: Timor Leste, Angola & Cia., como pálido exemplo. Até excluímos o Brasil, que, dizem, não é mais de terceiro mundo!...

A UMA SENHORA QUE ME PEDIU VERSOS

Machado de Assis - RJ

Pensa em ti mesma, acharás
Melhor poesia,
Viveza, graça, alegria,
Doçura e paz.

Se já dei flores um dia,
Quando rapaz,
As que ora dou têm assaz
Melancolia.

Uma só das horas tuas
Vale um mês
Das almas já ressequidas.

Os sóis e as luas
Creio bem que Deus os fez
Para outras vidas.

ACONTECIMENTO DO SONETO

Lêdo Ivo - AL

À doce sombra dos cancioneiros
em plena juventude encontro abrigo.
Estou farto do tempo, e não consigo
cantar solenemente os derradeiros

versos de minha vida, que os primeiros
foram cantados já, mas sem o antigo
acento de pureza ou de perigo
de eternos cantos, nunca passageiros.

Sôbolos rios que cantando vão
a lírica imortal do degredado
que, estando em Babilônia, quer Sião,

irei, levando uma mulher comigo,
e serei, mergulhado no passado,
cada vez mais moderno e mais antigo.

POESIA MUSICADA



Autumn
Leaves

Joseph Kosma

The falling leaves drift by the window
The autumn leaves of red and gold
I see your lips, the summer kisses
The sun-burned hands I used to hold.

Since you went away the days grow long
And soon I'll hear old winters song
But I miss you most of all my darling
When autumn leaves start to fall.

A Vingança da Porta

Alberto de Oliveira -RJ

Era um hábito antigo que ele tinha:
Entrar dando com a porta nos batentes.
- Que te fez essa porta? a mulher vinha
E interrogava. Ele cerrando os dentes:

- Nada! traze o jantar! - Mas à noitinha
Calmava-se; feliz, os inocentes
Olhos revê da filha, a cabecinha
Lhe afaga, a rir, com as rudes mãos trementes.

Uma vez, ao tornar à casa, quando
Erguia a aldaba, o coração lhe fala:
Entra mais devagar... - Pára, hesitando...

Nisto nos gonzos range a velha porta,
Ri-se, escancara-se. E ele vê na sala,
A mulher como doida e a filha morta.

Marília de Dirceu

Soneto 3

Tomás Antônio Gonzaga - Portugal

Enganei-me, enganei-me - paciência!
Acreditei às vezes, cri, Ormia,
Que a tua singeleza igualaria
A tua mais que angélica aparência.

Enganei-me, enganei-me - paciência!
Ao menos conheci que não devia
Pôr nas mãos de uma externa galhardia
O prazer, o sossego e a inocência.

Enganei-me, cruel, com teu semblante,
E nada me admiro de faltares,
Que esse teu sexo nunca foi constante.

Mas tu perdeste mais em me enganares:
Que tu não acharás um firme amante,
E eu posso de traidoras ter milhares.